
DOI: <https://doi.org/10.30749/2594-8261.v6n2p57-75>

**MEMÓRIAS EM TORNO DE UMA INSTITUIÇÃO ESCOLAR: O JARDIM DE
INFÂNCIA DO GRUPO ESCOLAR HENRIQUE EMÍLIO MEYER (1946-1956)**

***MEMORIES ABOUT A SCHOOL INSTITUTION: THE KINDERGARTEN OF THE
SCHOOL GROUP HENRIQUE EMÍLIO MEYER (1946-1956)***

**Elise Testolin de Abreu¹
José Edimar de Souza²**

Resumo: O objetivo do nosso estudo é analisar e compreender o modo como a infância no município de Caxias do Sul/RS, no período de 1946 a 1956, se desenvolveu, valendo-se de memórias da cultura escolar produzida em instituição de ensino. A perspectiva teórica sustenta-se na história cultural e, metodologicamente, na história oral, com análise documental de fontes como fotografias e jornais locais. Evidencia-se, nas memórias desse grupo de sujeitos entrevistados, o destaque às experiências construídas, bem como a cultura do cotidiano das atividades escolares. As festividades e as datas comemorativas orientavam o trabalho pedagógico e se ressaltaram no modo como os egressos rememoraram seu tempo no jardim de infância do Grupo Escolar Henrique Emílio Meyer³.

Palavras-chave: Caxias do Sul. Jardim de Infância. Cultura escolar. Grupo Escolar Henrique Emílio Meyer.

Abstract: The objective of our study is to analyze and understand how childhood in the city of Caxias do Sul/RS, from 1946 to 1956, developed, using memories of school culture produced in an educational institution. The theoretical perspective is based on cultural history and, methodologically, oral history with documentary analysis of sources such as photographs and local newspapers. It is evident in the memories of this group of interviewed subjects, the emphasis on the built experiences, as well as the daily culture of school activities. The festivities and commemorative dates guided the pedagogical work and stood out in the way the

¹ Professora da Rede Municipal de Ensino de Caxias do Sul e Assessora Pedagógica da Educação Infantil no mesmo município. Graduada em Pedagogia; Especialista em Educação-ênfase em apoio pedagógico e Mestra em Educação (UCS).

² Professor e pesquisador da Área de Humanidades e dos Programas de Pós-graduação em Educação e de Pós-graduação em História da Universidade de Caxias do Sul – UCS, RS, Brasil. Graduado em História (UNISINOS); Graduado em Pedagogia (CLARETIANO); Graduado em Geografia e acadêmico do curso de Bacharelado em Biblioteconomia (UCS). Especialista em Gestão da Educação (UFRGS); Psicopedagogia Clínica e Institucional (FEEVALE); Supervisão Escolar e em História do Brasil (SIGNORELLI). Mestre e Doutor em Educação com estágio de pós-doutorado em Educação (UNISINOS).

³ Pesquisa vinculada ao projeto: Grupo Escolar no Rio Grande do Sul no século XX: culturas e práticas em perspectiva regional, financiado pelo CNPq, processo número: 403268/2021-4

*MEMÓRIAS EM TORNO DE UMA
INSTITUIÇÃO ESCOLAR: O JARDIM DE
INFÂNCIA DO GRUPO ESCOLAR HENRIQUE
EMÍLIO MEYER (1946-1956)*

*Elise Testolin de Abreu
José Edimar de Souza*

graduates remembered their time in the kindergarten of the Henrique Emílio Meyer School Group.

Keyword: Caxias do Sul. Kindergarten. School culture. Henrique Emílio Meyer School Group.

Recebido em: 21/03/2022
Aceito para publicação em: 16/05/2022

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

As concepções de criança e infância que temos hoje - infância como um sentimento que caracteriza a criança na forma de ser, agir e pensar diferente do adulto, e criança como um sujeito histórico de direito - são construções históricas e sociais formadas ao longo do tempo. Segundo Barbosa (2007, p. 1065), Infância(s) é uma “[...] experiência social e pessoal, ativamente construída e permanentemente ressignificada”. É importante salientar que esse processo não foi e não é linear. Alguns fatores como o espaço geográfico, a cultura e a situação econômica influenciam na sua mudança ou permanência. Segundo Ariès (1981), é a partir do século XIII que surgem representações de crianças um pouco mais próximas com as que observamos atualmente. Com esse sentimento de infância na idade moderna, vem a preocupação com a educação. A escola e a família são as responsáveis por retirarem a criança da sociedade dos adultos.

De acordo com Kishimoto (1988), as principais concepções que hoje regem os princípios e práticas desenvolvidas na Educação Infantil tiveram suas origens com o pensamento de educadores como Comenius (1592-1670), Rousseau (1712-1778), Pestalozzi (1746-1827) e Froebel (1782-1852). Conforme a mesma autora, é somente em 1840 que o jardim de infância (*kindergarten*) é criado na Alemanha, quando as concepções teóricas sobre a escola infantil se tornam realidade com o discípulo de Pestalozzi, Frederich Wilhelm Froebel (1782-1852).

Froebel, ao denominar jardim de infância, usa uma metáfora, comparando o desenvolvimento da criança com o da planta, que precisa de atenção, cuidados semelhantes para crescer saudável. Para a professora de educação infantil, atribui-se o nome de jardineira. O jardim de infância, desde sua criação por Froebel, faz parte da categoria de estabelecimento próprio da educação pré-escolar.

Nesse sentido, o objetivo do nosso estudo é analisar e compreender os sentidos atribuídos à infância no município de Caxias do Sul/RS, no período de 1946 a 1956, a partir de memórias de práticas de escolarização de egressos de uma instituição de ensino. Como aporte teórico, foi utilizada a história cultural e,

metodologicamente, a história oral, análise documental de fontes diversificadas como fotografias, jornais da época, documentos referentes ao jardim de infância pesquisado.

O jardim de infância foi uma das primeiras instituições para a infância criadas no Brasil. É no final do século XIX, com a Reforma Leôncio de Carvalho, em 1878, ainda no período imperial, que oficialmente se faz uma referência à fundação de jardins de infância no Brasil.

As primeiras iniciativas de criação de jardim de infância no Brasil foram privadas. O primeiro jardim público surge em São Paulo junto à Escola Normal do Estado.

Nas primeiras décadas do século XX, no Brasil, não ocorrem grandes avanços em relação à implementação dos jardins de infância. Na década de trinta, mesmo com a legislação trabalhista, que, desde 1932, previa creches nos estabelecimentos em que trabalhassem trinta ou mais mulheres, isso não acontecia.

No Rio Grande do Sul, a criação do primeiro jardim de infância foi em Porto Alegre, no ano de 1911, no *Deutscher Hilfsverein* (Colégio Farroupilha). Na capital gaúcha, como nas demais cidades do interior do Rio Grande do Sul, são raros os jardins de infância até a metade do século XX. Nessa época, no Brasil, há uma expansão lenta dos jardins de infância, que aparecem nos relatórios de instrução pública, com a criação junto aos grupos escolares e escolas normais.

Do mesmo modo, na Escola Complementar de Caxias do Sul, tal como na Escola Normal de São Paulo, é identificado por documentos, fotografias e jornais da época que também existia, na década de 1930, turma de jardim de infância para as futuras professoras desenvolverem suas práticas pedagógicas, compondo as turmas de aplicação.

A expansão do atendimento à infância em Caxias, como no exterior, também está relacionada à propagação das indústrias e ao aumento da população urbana, assim como aos movimentos femininos que reivindicam creches para as mães trabalhadoras. Inicialmente, as creches surgem pela necessidade de assistência

para as crianças órfãs, abandonadas ou de famílias pobres. Por outro lado, os jardins de infância, com um caráter educativo, são criados primeiramente para atender as crianças das famílias mais abastadas, da elite.

Em Caxias do Sul, os jardins de infância começaram a surgir nas décadas de 1930 e 1940. Na iniciativa pública, o jardim é inaugurado na Escola Complementar, na década 1930, e no Grupo Escolar Henrique Emílio Meyer (GEHEM), em 1946. Já na iniciativa privada, iniciou no Colégio São José, em 1945.

É por meio de entrevista com uma ex-aluna⁴ que a cultura infantil presente no jardim de infância do GEHEM é rememorada. A escolha pela metodologia da história oral se deve pela possibilidade de a fonte oral poder acrescentar uma dimensão viva, por meio da escuta dos percursos de vida dos ex-alunos. Segundo Magalhães (2004, p.163), “[...] são os percursos de vida dos alunos e ex-alunos [...]” que “[...] representam e permitem aprofundar o conhecimento historiográfico sobre uma instituição [...]”. As memórias permitiram a análise sobre como se organizou o cotidiano, quais representações e práticas formaram a cultura de escolarização no jardim de infância do GEHEM de Caxias. É por meio das lembranças dos sujeitos que se obtêm subsídios para análise das memórias. Com as evidências das memórias dos entrevistados, buscamos compreender as representações sobre uma cultura escolar no jardim de infância público em Caxias do Sul, concebendo a memória como documento que possibilita a produção de leituras do passado, do vivido, experimentado pelos sujeitos, daquilo que se lembram e se esquecem.

O sujeito entrevistado foi uma ex-aluna que frequentou o jardim de infância do GEHEM, no ano de 1956, identificada como Sônia Inês Storchi, nascida em 08/02/1950, natural de Caxias do Sul, RS, onde ainda reside.

⁴ A empiria analisada neste artigo é parte de uma pesquisa mais ampla, desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul; dissertação de mestrado intitulada “*O Jardim de Infância do Grupo Escolar Henrique Emílio Meyer de Caxias do Sul-RS (1946-1956)*”, defendida em 2021.

2 FESTAS E COMEMORAÇÕES CÍVICAS NO JARDIM DE INFÂNCIA

“[...] em datas como Tiradentes, Descobrimento do Brasil, Sete de Setembro, não passava em branco, então se cantava hino nacional, até o jardim aprendia alguma poesia [...]”.

(SÔNIA, entrevista, 2021).

Tornar visível uma das histórias do jardim de infância do GEHEM, por meio das festas e comemorações cívicas e religiosas, articulando aspectos internos e externos ao grupo, permite desvelar as mudanças e permanências no calendário escolar, as práticas escolares, bem como as funções educativas das festas.

De acordo com Souza (2008), a organização do calendário escolar e os horários de entrada e saída orientaram o disciplinamento do tempo, os programas estabeleceram métodos de ensino e o comportamento de professores e alunos. Alguns desses hábitos cristalizaram-se nas práticas educativas.

Algumas práticas se sedimentaram com o tempo, construindo uma identidade peculiar das escolas primárias: o hábito de formação de fila dos alunos antes da entrada na sala de aula, o canto do hino nacional, a chamada [...] a exigência do silêncio, da obediência e do respeito ao professor (professoras em sua maioria) e aos demais adultos em exercícios na escola (SOUZA, 2008, p. 53).

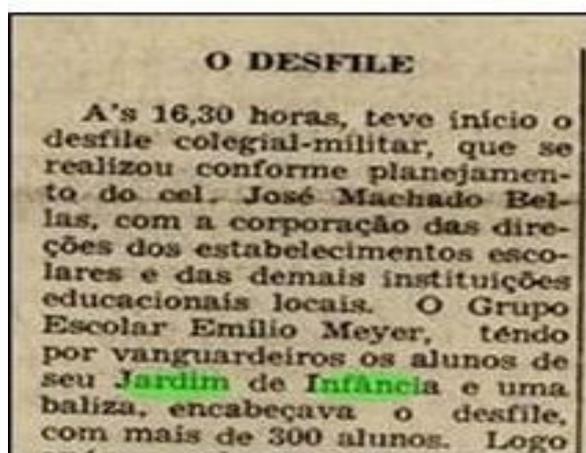
Esses hábitos sedimentados nas práticas educativas, como cantar o hino nacional e recitar versos, também estavam presentes no jardim de infância.

“[...] em datas como Tiradentes, Descobrimento do Brasil, Sete de Setembro, não passava em branco, então se cantava o hino nacional, até o jardim aprendia alguma poesia [...] hasteavam a bandeira na frente e daí os alunos liam a poesia lia um texto alguma coisa relacionada sobre a data (SÔNIA, entrevista, 2021).

As festas cívicas, com comemorações para relembrar datas importantes para o período republicano, e a escola, com práticas visando ao civismo e influenciadas pela nacionalização do ensino, desempenharam um papel importante no

desenvolvimento da memória coletiva da nação. Sendo assim, o ensino do civismo estava presente nos rituais festivos, no hasteamento da bandeira e durante o canto do hino em homenagem a personagens nacionais ilustres. Em relação às comemorações da Semana da Pátria, o GEHEM sempre esteve presente nos desfiles de Sete de Setembro, tendo o jardim de infância por vanguardeiros, como descreve a notícia do jornal O Pioneiro:

Figura 1 - O desfile (1955)



Fonte: *O Pioneiro* (1955, p. 1). Acervo da Hemeroteca Digital Brasileira, Rio de Janeiro/RJ.

O desfile de Sete de Setembro esteve presente em todas as narrativas dos entrevistados, um grande evento para o GEHEM, que desfilava com sua banda e um grande número de alunos. A preparação para o desfile começava um mês antes, os professores de Educação Física eram os responsáveis pela organização e ensaio.

[...] os símbolos nacionais a gente aprendia sempre. Os desfiles, as professoras eram muito dedicadas, a gente começava ensaiar para o dia Sete de Setembro mais de um mês antes, todos perfilados, [...] se fazia acrobacias também, com os bastões compridos, essas acrobacias a gente fazia na frente do palanque oficial. O jardim desfilava, os meninos iam com bicicleta, carrinho de mão pequeno de madeira, e as meninas iam com bonecas e carrinhos de vime que levavam as bonequinhas (SÔNIA, entrevista, 2021).

No momento do desfile, o jardim de infância, com as crianças desfilando com brinquedos, passa a mensagem para a sociedade sobre a importância do brincar, linguagem essencial para a aprendizagem das crianças, como recorda Sônia (2021). Nessa perspectiva, o GEHEM apresentava para a sociedade valores que estavam incutidos em seu cotidiano escolar, valores de disciplina, cuidado com o corpo saudável, organização e comprometimento dos professores, mantendo sua imagem na sociedade de escola modelo.

Figura 2 - Desfile Cívico (1950)



Fonte: Adaptada pelos autores a partir de Lopes (2015b).

O jardim de infância do GEHEM desfilava de forma exemplar, todos uniformizados, passando uma imagem de igualdade. As jardineiras acompanhavam suas turmas de forma atenta, como demonstra a fotografia. Os meninos tocando instrumentos da banda e uma das meninas levando a bandeira nacional. Uma menina levando a bandeira nacional representando a função atribuída à mulher, segundo de Bergozza (2010). Tudo isso revelando ordenamento e disciplina dos corpos, assim como o civismo, o patriotismo e o amor à Pátria. Segundo Souza (1998), a escola era a guardiã dos valores e da ação moral e pedagógica da República. O GEHEM desfila com os seus alunos ordenadamente num ritual que passa a imagem de futuros cidadãos honestos, bons trabalhadores e amantes da Pátria e da ordem.

As festas e comemorações escolares do GEHEM estavam inseridas no currículo escolar do jardim de infância, nos planos de trabalho mencionados em documentos e nas notícias de jornais que revelam um planejamento com datas comemorativas de cunho religioso.

Figura 3 - Reportagem da Festa da Páscoa no Jardim de Infância do GEHEM
(1950)



Fonte: *O Pioneiro* (1950a, p. 8). Acervo da Hemeroteca Digital Brasileira, Rio de Janeiro/RJ, acesso em 06/04/2020.

Os jornais divulgavam as festividades do GEHEM, o que denota a importância desses eventos para o cotidiano escolar e para a sociedade. A partir das notícias dos periódicos e com as lembranças dos entrevistados, identificam-se as datas comemorativas presentes no calendário do jardim.

A Festa da Páscoa era um grande evento, conforme relata a notícia do jornal, com caça ao ninho, exposição de trabalhos realizados pelas crianças. Sônia (entrevista, 2021) também recorda: “[...] a gente fazia coelhinho recortava, fazia os ninhos, elas nos ensinavam do jeito que se sabia, muito desenho a gente desenhava muito”. Questionada sobre quais materiais utilizavam para confeccionar os trabalhos, ela responde: “[...] os coelhinhos era algodão, papel cartolina e lápis de cor basicamente era isto, cartolina e também se desenha em um caderno”.

Nesse sentido, o que Sônia recorda coincide com as imagens que o jornal *O Pioneiro* de 1959 publicou e com as fotografias retiradas do vídeo de comemoração

aos 85 anos do GEHEM. Em uma das fotografias, aparece o coelhinho que fez a visita no jardim, levando doces para os ninhos que as crianças confeccionaram, conforme a Figura 04:

Figura 4 - Visita do coelhinho da Páscoa no Jardim de Infância do GEHEM (1950)



Fonte: Elaborada pelos autores a partir de Moschen (2016).

Observa-se um registro fotográfico com o coelhinho da Páscoa, os meninos do jardim segurando seus ninhos, muitos não conseguiram conter a curiosidade no momento da fotografia, pois, provavelmente, o interesse pelos doces deixados pelo coelhinho era bem maior, uns conferindo o que havia em seu ninho, outros verificando o que o colega recebeu. Por mais que o objetivo da foto fosse, talvez, registrar esse momento dos meninos com o coelhinho e seus ninhos de forma organizada e preparada pelos adultos, em que todos olhassem para a câmera fotográfica, a curiosidade infantil e o interesse pelos doces naquele momento roubam a obediência de alguns. São essas ações que tornam visível uma concepção contemporânea de criança, que vive sua infância no presente (BRASIL,

2009). Tem-se a impressão de que alguns meninos estão com o rosto pintado com nariz e bigode de coelho. O quadro negro também aparece nessa fotografia, objeto presente nas salas de aulas, recurso que possibilita ensinar ao mesmo tempo vários alunos⁵.

O quadro-negro para o professor e a lousa para o aluno eram meios pelos quais seria conhecido o alfabeto e seriam desenhadas as letras. Além disso, era um excelente meio de ensinar em pouco tempo os alunos a ler e escrever. (BASTOS, 2005, p. 136).

No jardim do GEHEM, o quadro negro provavelmente também era usado como um recurso pedagógico pela professora. Na entrevista do banco de memória, a professora Laura (2012) menciona sua prática de desenhar no quadro: “[...] eu ilustrava muito as aulas com desenhos no quadro negro, eu ia ensinar uma palavrinha, fazia o desenho, com giz colorido [...]”. Nesta foto, aparece o quadro negro com desenhos de coelhos e ovos de Páscoa. Talvez as crianças copiassem os desenhos da professora no quadro.

⁵ Sobre a prática de ensino multisseriado, também conhecida como escolas isoladas, recomenda-se a tese de Souza (2015), em que aborda o método utilizado em comunidades rurais, no município de Novo Hamburgo, RS, situado no Vale do Rio dos Sinos. Nessa abordagem, o professor necessita preparar atividades de diferentes níveis de adiantamento para os alunos que estudam em uma mesma sala.

Figura 5 - Fotografia da Festa da Páscoa no Jardim de Infância do GEHEM (1950)



Fonte: Elaborada pelos autores a partir de Moschen (2016).

Analisando essa segunda fotografia, Figura 5, é possível aferir como era a sala do jardim, composta por mesas redondas e cadeiras pequenas, adequadas ao tamanho das crianças, mesas coletivas para trabalho em grupo numa perspectiva de socialização e de ordenamento do corpo.

[...] bancos e cadeiras ordenavam espaços e sujeitos dentro de um universo delimitado. Na escola, mesa e cadeira encontraram força singular que as transformaram em objetos com atuação direta na higiene do corpo, na disciplina, no conforto e na aprendizagem (GASPAR DA SILVA; CASTRO, 2012, p. 170).

As produções das crianças representam as aprendizagens desenvolvidas no jardim. Em cima das mesas, podemos ver os ninhos confeccionados pelas crianças para esperar o coelho da Páscoa. Segundo Escolano Benito (2010, p. 24)⁶, os objetos e suas representações não são autônomos e atemporais, os mesmos são produções culturais que falam de nossas tradições e de nossos modos de pensar e

⁶ [...] los objetos y sus representaciones no son autónomos y atemporales, sino producciones culturales que hablan de nuestras tradiciones y nuestros modos de pensar y de sentir [...]. Tradução nossa. (ESCOLANO BENITO, 2010, P. 24)

de sentir, tornando possível identificar a presença das datas comemorativas no currículo do jardim.

Assim, encontra-se outra data comemorada no jardim de infância: a Festa de São João, de origem pagã.

Ao tornar-se o cristianismo a religião oficial do ocidente, a festa mudou para homenagear o nascimento de São João Batista. Nas homenagens eram reunidos os três principais santos reverenciados no mês de junho: Santo Antônio, no dia 13; São João, no dia 24; e São Pedro, no dia 29 (PERDIGÃO, 2014, p. 22).

A Festa de São João era uma festa de muita alegria e apreciada pelas pessoas, como relembra Sônia (entrevista, 2021), com entusiasmo: *“A nossa fogueira ali na frente da Sinimbu, tem aquela loja de tintas [...] terreno baldio e a gente ia nas oficinas pedir pneus que não era muito comum, mas a gente ganhava pneus e nas redondezas cortar galhos de árvores e fazia a fogueira ali”*.

Analisando a imagem abaixo, percebem-se crianças, todas com trajes típicos, de diferentes idades, em uma festa que envolve todos os alunos do GEHEM. A decoração, com certeza, pela tradição, deve ter sido confeccionada pelos próprios alunos: as bandeirinhas, correntes, lanternas e balões.

Figura 6 - Festa de São João (1950)

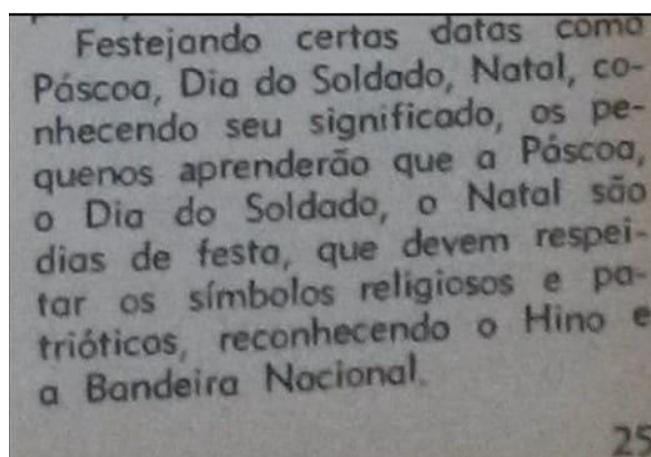


Documentário 85 anos Emílio Meyer

Fonte: Elaborada pelos autores a partir de Moschen (2016).

Os trabalhos realizados no jardim são lembrados por Sônia (entrevista 2021): “Tinha a comemoração, mas não tinha fogueira, comemoração de São João. Era data que se fazia desenhos. Nossa! Muita fogueira de São João [...]”. As orientações impressas na Revista do Ensino/RS fazem menção às datas comemoradas na escola, momento para desenvolver o respeito aos símbolos religiosos e cívicos.

Figura 7 - Revista do Ensino/RS (1960)



Fonte: Revista do Ensino (1960, p. 25).

A Revista do Ensino/RS (1960) publica sugestões sobre o trabalho com datas comemorativas, com o objetivo de desenvolver o respeito aos símbolos religiosos e nacionais. Todavia, fala-se de escola pública, cuja legislação, desde o advento da República, determinava o ensino laico.

Os Grupos Escolares se caracterizaram, na educação brasileira, por serem *lócus* de aprendizagem de caráter público mantidos pelos governos estaduais e regidos por leis que determinavam, desde o advento a República, o ensino laico. Assim, é de se supor que práticas religiosas não fizessem parte das práticas de ensino transmitidas em salas de aula e muito menos que se transformassem em saberes escolares constantes dos programas de ensino (BENCOSTTA, 2007, p. 93-94).

No entanto, não é o que dizem as fontes sobre o GEHEM. Durante a investigação, foi possível identificar a presença da religião católica em várias situações, por meio de fotografias e pelos depoimentos dos entrevistados. Nas fotografias da formatura do jardim de infância, há a presença do padre, e na programação divulgada pelos jornais é comunicada a bênção dos anéis dos formandos. Segundo Bencostta (2007, p. 94), “A presença da Igreja Católica era visceral nas escolas públicas e presente em termos de práticas e condutas prescritas e reafirmadas em âmbitos escolares compatíveis com os preceitos morais e religiosos do catolicismo”. Na imagem da inauguração do Parque Infantil, a presença do padre também é evidente nas fotografias.

A rotina do jardim do GEHEM é lembrada pela professora Laura (entrevista, 2012): “Ocupar os seus lugares, vestir os uniformes, rezar, [...] o jardim tinha como rotina rezar”. Para Bencostta (2007, p. 94), “Tais expedientes sinalizam para a tradicional hegemonia do catolicismo no interior das escolas públicas”. A história de Caxias do Sul é permeada pelo catolicismo, desde a chegada dos imigrantes. Antes das escolas, foram erguidas as igrejas na sede e nos travessões. Luchese (2012, p. 676) afirma que, “Na Região Colonial Italiana, a atuação da Igreja foi incisiva no processo de escolarização através da fundação de colégios confessionais, do estímulo à criação de escolas mantidas sob a orientação de padres católicos [...]”. Mesmo depois do fechamento das escolas paróquias, a Igreja permanecia ligada às escolas pelo ensino religioso. Luchese (2012, p. 676) acrescenta que “[...] foram válidos os sermões e a autoridade do padre, que, pela imprensa católica e junto às autoridades políticas, buscou a legitimação do ensino religioso também nas escolas públicas”. Por isso, a presença da Igreja nas escolas continuava.

Tinha também uma promoção religiosa no jardim eu não sei tinha a Dona Julieta Neves, eu não sei se ela fazia isto porque era uma pessoa muito católica [...] fazia isso para transmitir valores religiosos, ou fazia parte do currículo [...] Mas ela contava histórias da Bíblia [...] e orações ela ensina e a gente repetia [...] (SÔNIA, entrevista, 2021).

Certamente a influência e o poder da Igreja Católica na Educação em Caxias do Sul ainda eram muito fortes. Conforme Bencostta (2007, p. 95), “[...] a articulação entre ensino e religião, uma associação aparentemente dissonante para os princípios do regime republicano, mas presente no cotidiano escolar do período [...]”. Pode-se evidenciar essa presença por meio das fontes encontradas. Apesar de terem se passado décadas, a religião católica ainda está presente em algumas escolas públicas do município, por meio de ritos e simbologias que compõem o cotidiano escolar.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das pesquisas, das leituras e do contato com as fontes documentais, tornou-se possível perceber que as práticas de escolarização desenvolvidas no Jardim de Infância do GEHEM estavam imbricadas em uma rede de escolarização estabelecida não apenas em caráter local, mas que trazem representações de práticas em caráter estadual e até mesmo nacional. Práticas essas que eram desenvolvidas com atividades de desenho, recorte, colagem, contação de história, músicas e dramatizações, também atividades de coordenação motora fina, organizadas por meio de celebração de datas comemorativas, apresentações e festividades, práticas que atrelavam o desenvolvimento de valores morais e intelectuais, além de preparar para o ensino primário.

Notou-se que a nacionalização do ensino influenciou as práticas do jardim do GEHEM, com o desfile de 7 de setembro, a execução do hino nacional e do hino da bandeira, nos dias cívicos, e homenagem a personagens ilustres. Também por meio da rotina diária, a disciplina com filas, as boas maneiras e o cuidado com o corpo saudável.

Do mesmo modo, as festas de cunho religioso estiveram presentes no cotidiano do jardim, compondo o calendário escolar, e se materializando nos trabalhos manuais das crianças, passando conhecimentos culturais, valores morais

e religiosos, principalmente por meio dos símbolos. Esta pesquisa possibilitou refletir sobre a história da Educação Infantil em Caxias do Sul e os modos como a infância, desde a década de 1940, estiveram nos projetos e horizontes políticos do município.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- BASTOS, Maria Helena Camara. Do quadro-negro à lousa digital: a história de um dispositivo escolar. **Cadernos de História da Educação** - nº. 4 - jan./dez. 2005.
- BENCOSTTA, Marcus Levy Albino (Org.) **Culturas escolares, saberes e práticas educativas**: itinerários históricos. São Paulo: Cortez, 2007.
- BERGOZZA, Roseli Maria. **Escola Complementar de Caxias**: histórias da primeira instituição pública para formação de professores na cidade de Caxias do Sul (1930-1961). 2010. 174f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2010.
- BRASIL. **Resolução CNE/CEB nº 5**, de 17 de dezembro de 2009. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasil. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb005_09.pdf. Acesso em: 2 out. 2020.
- ESCOLANO BENITO, Agustín. Patrimonio material de la escuela e historia cultural. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 11, n. 2, p.13-28, jul./dez. 2010.
- GASPAR DA SILVA, Vera Lucia; CASTRO, Raquel Xavier de Souza. Cultura material da escola: entram em cena as carteiras. In: GASPAR DA SILVA, Vera Lucia; PETRY, Marília Gabriela. **Objetos da escola**: espaço, e lugares de constituição de uma cultura material escolar (Santa Catarina – Séculos XIX e XX). Florianópolis: Insular, 2012.
- KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **A pré-escola em São Paulo (1877 a 1940)**. São Paulo: Edições Loyola, 1988.
- LAURA, Balconi Chiaradia. **Educação – Escola Estadual Henrique Emílio Meyer**. Entrevista concedida a Sônia Storchi Fries e Suzana Storchi Grigoletto. Transcrição de Bárbara Lawrens Netto. Banco de Memória do Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami, CD162 e CD163. Caxias do Sul/RS, 29 ago. 2012.

LOPES, Rodrigo. Seção Amnésia para avivar a memória. *In: Jornal Pioneiro* [online], Caxias do Sul/RS, 29 abr. 2015. Disponível em: <http://wp.clicrbs.com.br/memoria/2015/04/29/secao-amnesia-para-avivar-a-memoria/?topo=35,1,1,,35>. Acesso em: 6 jun. 2021b.

LUCHESE, Terciane Ângela. Em busca da escola pública: tensionamentos, iniciativas e processo de escolarização na região colonial italiana, Rio Grande do Sul, Brasil. **Cadernos de História da Educação**, Uberlândia, v. 11, n. 2, p. 667-679, jul./dez. 2012a.

MOSCHEN, Lucas. **Documentário 85 anos Emílio Meyer**. 15 ago. 2016 (17m14s). Disponível em: <https://youtu.be/fwiT-7FJO50>. Acesso em: 12 abr. 2020.

O PIONEIRO. **O Desfile**. *Jornal O Pioneiro*, Caxias do Sul/RS, 10 set. 1955, ed. 00046, p. 1. Acervo da Hemeroteca Digital Brasileira, Rio de Janeiro/RJ, 1955. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/885959/4017>. Acesso em: 6 abr. 2020.

O PIONEIRO. **Festa de páscoa no jardim de infância do G.E. Emilio Meyer**. *Jornal O Pioneiro*, Caxias do Sul/RS, 15 abr. 1950, ano II, ed. 00042, p. 8. Acervo da Hemeroteca Digital Brasileira, Rio de Janeiro/RJ, 1950a. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/885959/848>. Acesso em: 6 abr. 2020.

PERDIGÃO, João Gabriel de Lima. **Dos Costumes ao espetáculo**: a transformação da festa junina campinense “O maior São João do mundo”. 2014. 90f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.

REVISTA DO ENSINO. **Revista do Ensino do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre Ano X, n. 73, nov. 1960 RS. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/127638>. Acesso em: 25 jun. 2021.

SOUZA, Rosa Fátima de. **História da organização do trabalho escolar e do currículo no século 20**: ensino primário e secundário no Brasil. São Paulo: Cortez, 2008.

SOUZA, Rosa Fátima de. **Templos de civilização**: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890-1910). São Paulo: UNESP, 1998.

SOUZA, José Edimar de. **As escolas isoladas: práticas e culturas escolares no meio rural de Lomba Grande/RS (1940 a 1952)**. 2015. 295f. Tese (Doutorado em Educação) –Universidade do Vale do Rio dos Sinos –Unisinos, São Leopoldo, 2015

*MEMÓRIAS EM TORNO DE UMA
INSTITUIÇÃO ESCOLAR: O JARDIM DE
INFÂNCIA DO GRUPO ESCOLAR HENRIQUE
EMÍLIO MEYER (1946-1956)*

*Elise Testolin de Abreu
José Edimar de Souza*

STORCHI, Sônia Inês. Jardim de Infância do Grupo Escolar Henrique Emílio Meyer. **Entrevista concedida a Elise Testolin de Abreu.** Transcrição Elise Testolin de Abreu. Caxias do Sul/ RS, 30 de abril de 2021.